

ALEX PERRY

«Uma narrativa extraordinária.» Lev Grossman

VAI

«Angustiante e comovente.» Tom Burgis

JORRAR

«De tirar o fôlego.» Jon Lee Anderson

SANGUE

«Poderoso e arrebatador.» Jason Burke

O NEGÓCIO ASSASSINO DO PETRÓLEO E DO GÁS



Para os 1661

e para a Tess, sempre

«Para retirar das profundezas os tesouros escondidos da criação de Deus, que é boa, mas perigosa, eles pagaram com as suas vidas o custo do calor e do conforto das nossas casas, a facilidade e a rapidez das nossas viagens.»

Inscrição no *Livro de condolências da Piper Alpha*, na Capela Oil da igreja Kirk of St. Nicholas, em Aberdeen, na Escócia.

ÍNDICE

Mapas	15
<i>Dramatis personae</i>	19
Nota do autor	23
Prefácio	25
Prólogo	27

LIVRO UM

Capítulo 1: Adi e Janik	33
Capítulo 2: O Buldózer	37
Capítulo 3: O petróleo dos Seneca	47
Capítulo 4: Negros e brancos	63
Capítulo 5: Omar	71
Capítulo 6: Um novo país	81
Capítulo 7: O destino das nações	87
Capítulo 8: O hotel Amarula	101
Capítulo 9: Risco legal	115
Capítulo 10: Três metralhadoras e um monte de machetes	121
Capítulo 11: Amarrado como um porco	125
Capítulo 12: «O assunto não foi abordado»	129
Capítulo 13: Um evento já em curso	137

Capítulo 14: Um negócio dos diabos	147
Capítulo 15: Da noite para o dia	153
Capítulo 16: Gás, gás, gás	161
Capítulo 17: Inflexão	169
Capítulo 18: Convergência	175
Capítulo 19: Contagem decrescente	181

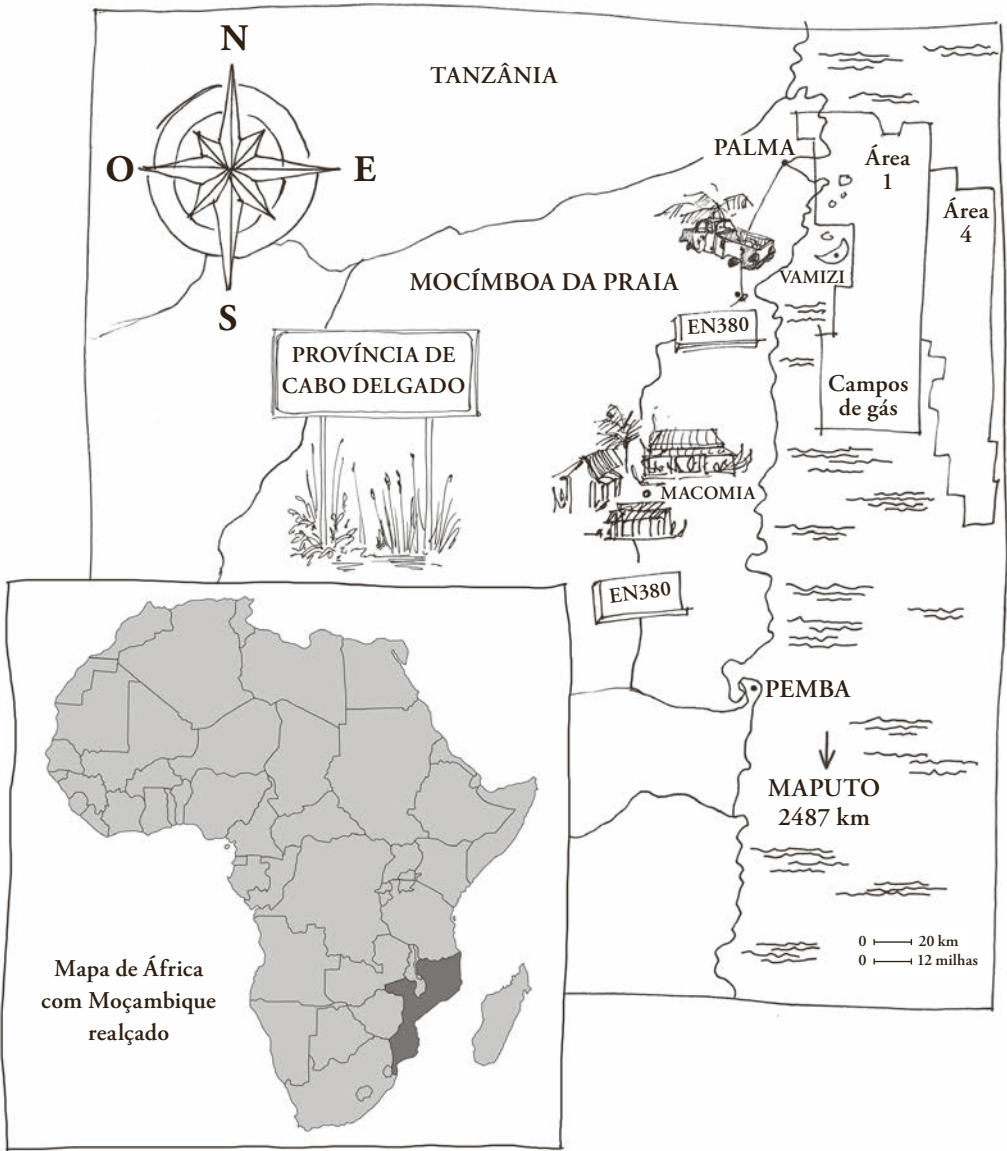
LIVRO DOIS

Capítulo 20: Quarta-feira	191
Capítulo 21: Quinta-feira (Parte I)	203
Capítulo 22: Quinta-feira (Parte II)	211
Capítulo 23: Sexta-feira (Parte I)	223
Capítulo 24: Sexta-feira (Parte II)	229
Capítulo 25: Sexta-feira (Parte III)	235
Capítulo 26: Sexta-feira (Parte IV)	239

LIVRO TRÊS

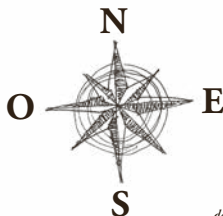
Capítulo 27: Destroços	255
Capítulo 28: Apoteose	263
Capítulo 29: Energia é vida	273
Capítulo 30: Dois contentores	283
Capítulo 31: Especialmente designado	293
Capítulo 32: Negação total	299
Capítulo 33: Revolução da justiça internacional	307
Capítulo 34: Os 0,41 por cento	315

Capítulo 35: «Porque é África»	321
Capítulo 36: Pioneiros durante cem anos	325
Capítulo 37: Risco legal revisitado (Parte I)	333
Capítulo 38: Risco legal revisitado (Parte II)	341
Capítulo 39: Magoados	351
Agradecimentos	359
Anexo: Estatísticas do massacre de Palma	365
Notas	369



RIO ROVUMA

QIONGA



QUIRINDE

Os sobreviventes escondem-se nos mangais e depois são recolhidos por lanchas.

Praia de Lynn

Pedreira

QUIUIA

O ataque começa quando o grupo terrorista al-Shabab manda parar três camiões da pedreira e tira os motoristas das cabinas, decapitando-os e deixando os seus cadáveres decapitados atravessados na estrada a servir de barricada.

A carrinha do Pathfinder, de Peter Ntego, sofre um acidente e capota, provocando sete mortos.

O veículo da empresa Reef sofre um acidente e o cadáver de Manuel Carimo é deixado no banco traseiro.

Segunda emboscada: vários veículos são atingidos. Pedro Velez, Adi, Peter Ntego e Manuel Carimo estão entre os atingidos.

A carrinha da empresa Moz Environmental fica atolada; Rasta vai buscar os passageiros.

A carrinha de João é atingida e sofre um acidente.

O automóvel de Phil sofre um acidente e Phil e o passageiro morrem.

Aeródromo civil

Massacre da esquadra da polícia.

Primeira emboscada: Anel Alfredo é atingido por um tiro; Nick e outros abandonam o veículo.

*Hotel Amarula Lodge
Localização da sede*

Afogamento em massa.

Escritórios da RA International.

PALMA

Molhes

Complexo Flycamp

Complexo Van Nickerk

AFUNGI

QUATRO CAMINHOS

Contentores de carga / Portaria

QUITUPO

Cadáveres dão à costa.

QUITUNDE

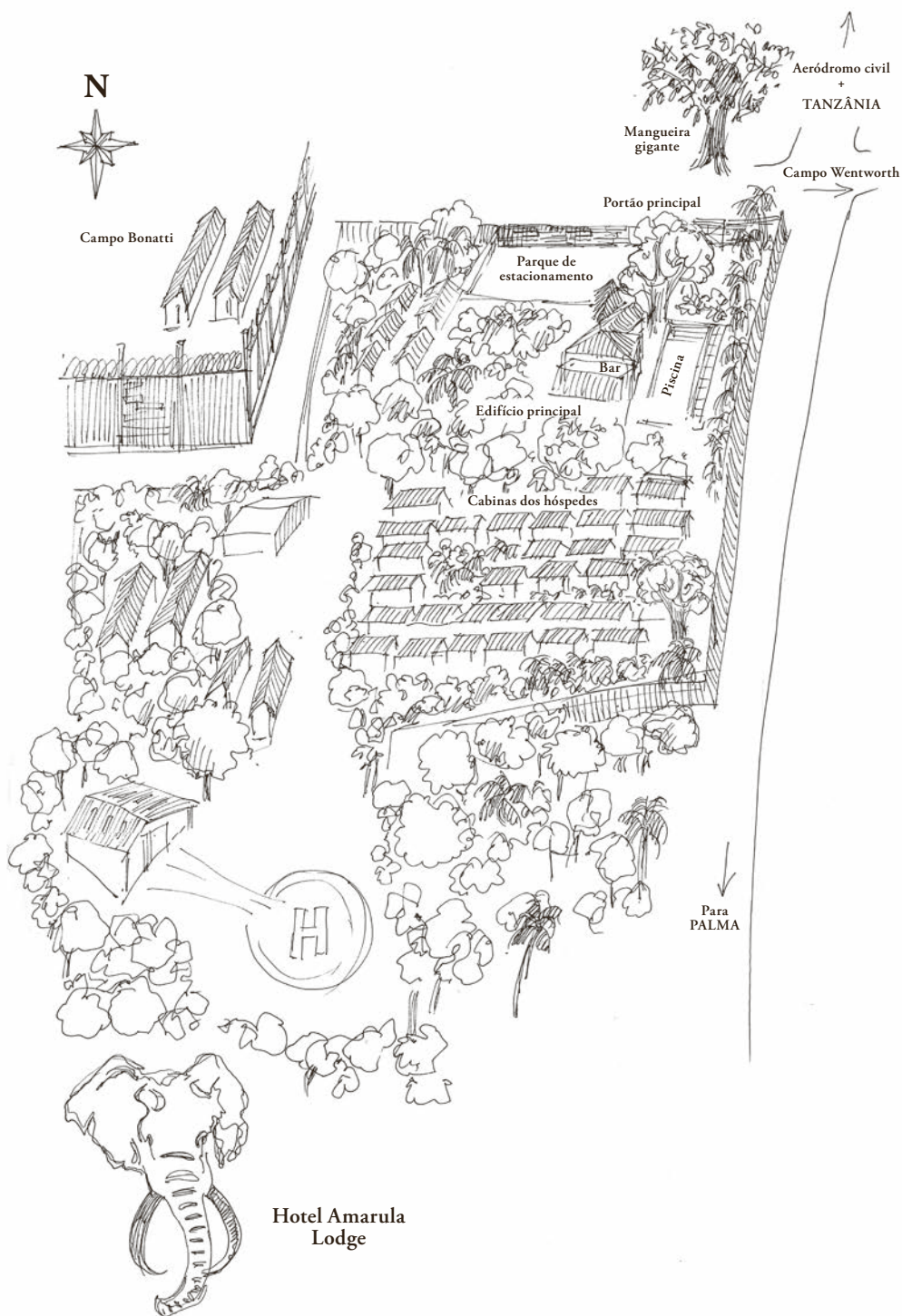
PATACUA

Aeródromo

MAGANJA

MONDLANE

2 km



DRAMATIS PERSONAE

Hotel Amarula Lodge

Adrian Nel, diretor-adjunto, Projectos Dinâmicos, sul-africano.

Wesley Nel, diretor, Projectos Dinâmicos, irmão mais novo de Adi, sul-africano.

Greg Knox, diretor, Projectos Dinâmicos, padrasto de Adi e de Wes, sul-africano.

Gustavo Trindade, diretor de equipa, Projectos Dinâmicos, moçambicano.

John, capataz, Projectos Dinâmicos, moçambicano.

Philip Mawer, diretor regional da empresa RA International, britânico.

Nick Alexander, diretor da empresa Fly Camp, britânico-sul-africano.

Niraj Ramlagan, diretor-adjunto da Fly Camp, sul-africano.

Anel Alfredo, contabilista da Fly Camp, moçambicano.

Jorge Wate, trabalhador da Fly Camp, moçambicano.

Nelson Matola, trabalhador da Fly Camp, moçambicano.

Gaucha Jaisse, trabalhador da Fly Camp, moçambicano.

Nelito Alide, trabalhador da Fly Camp, moçambicano.

Tobias Jansen van Rensburg, gerente da empresa Reef, sul-africano-moçambicano.

Nick de Blocq, diretor regional da empresa Moz Environmental, sul-africano.

Roland Davies, diretor de operações da Moz Environmental, sul-africano.

Mauro Euriano, capataz da Moz Environmental, sul-africano.

Jason McNeil, CEO da empresa Interwaste, a empresa-mãe da Moz Environmental, sul-africano.

Arsenio Nhamuende, conhecido como «Rasta», condutor do minibus, moçambicano.

Pedro Velez, gerente da empresa CIS Catering, português.

Timothy «Robbie» Roberts, diretor do hotel Amarula Lodge, sul-africano.

Peter Ntego, diretor-adjunto do Amarula Lodge, tanzaniano.

Manuel Carimo, funcionário do Amarula Lodge, moçambicano.

Afungi

Guillaume, diretor de segurança das empresas Anadarko e Total / TotalEnergies, francês.

Frédéric Marbot, responsável pela segurança da Total / TotalEnergies, francês.

Christian Delfort, funcionário da sala de operações de segurança da Total / TotalEnergies, sul-africano.

Michael Beechey, diretor de segurança da empresa CCS, britânico.

Palma / Cabo Delgado

Bonomade Machude Omar, comandante do grupo terrorista islâmico al-Shabab, 2017–2023, moçambicano.

Fátima, residente de Palma e mãe, sobrevivente do massacre, moçambicana.

Inês, residente de Palma e mãe, raptada pelo al-Shabab, moçambicana.

Regina, residente de Palma e mãe, raptada pelo al-Shabab, moçambicana.

Maria, residente da aldeia de Ncumbi, testemunha do massacre dos contentores, moçambicana.

Mwamba, residente da aldeia e sobrevivente do massacre dos contentores, moçambicano.

Assumane, residente da aldeia e sobrevivente do massacre dos contentores, moçambicano.

Timo, residente da aldeia e sobrevivente do massacre dos contentores, moçambicano.

Meejai, residente da aldeia e sobrevivente do massacre dos contentores, moçambicano.

Moussa, residente da aldeia e sobrevivente do massacre dos contentores, moçambicano.

Amadi, residente da aldeia e sobrevivente do massacre dos contentores, moçambicano.

Salimo, residente da aldeia e sobrevivente do massacre dos contentores, moçambicano.

Bihari, residente da aldeia e sobrevivente do massacre dos contentores, moçambicano.

Figo, residente da aldeia e sobrevivente do massacre dos contentores, moçambicano.

Gordon Rhattigan, adjunto de Philip Mawer na empresa RA International, irlandês.

Bigai Nyika, contabilista da RA International, zimbabuense.

Francois van Niekerk Jnr., mecânico, sul-africano.

Max Fisher-Jones, empresário de segurança freelance, britânico.

Simon Witherspoon, comandante do Dyck Advisory Group (DAG), britânico-sul-africano.

Maputo

Maxime Rabilloud, diretor regional da Total / TotalEnergies, de setembro de 2021 até à atualidade, francês.

Filipe Nyusi, presidente de Moçambique, de 2015 a 2025, moçambicano.

Daniel Chapo, presidente de Moçambique, de 2025 à atualidade, moçambicano.

Durban, África do Sul

Janik Armstrong, mulher de Adi, canadiana.

Céu Rockefeller Armstrong-Nel, filho de Adi e Janik, canadiano-sul-africano.

Télès Cassis Armstrong-Nel, filha de Adi e Janik, canadiana-sul-africana.

Léore Le Morne Armstrong-Nel, filha de Adi e Janik, canadiana-sul-africana.

Meryl Knox, mulher de Greg e mãe de Adi e Wes, sul-africana.

Langebaan, África do Sul

Max Dyck, presidente do conselho de administração do Dyck Advisory Group (DAG), sul-africano.

Coronel Lionel Dyck, fundador do DAG e pai de Max, zimbabuense-sul-africano.

Paris

Patrick Pouyanné, presidente do conselho de administração e administrador da Total / TotalEnergies, francês.

Henri Thulliez, advogado de direitos humanos, francês.

Houston

Al Walker, presidente do conselho de administração e administrador da Anadarko, de 2012 a 2019, norte-americano.

Malcolm, executivo da Anadarko / Total, norte-americano.

NOTA DO AUTOR

Vai Jorrar Sangue é uma obra de não-ficção.

Os nomes e as características potencialmente identificadoras de algumas das pessoas mencionadas no livro foram alterados.

PREFÁCIO

A indústria do petróleo e do gás é conhecida pelos desastres, bem como pelo lucro, mas quatro das suas catástrofes alcançaram verdadeira notoriedade. Quando uma explosão consumiu a *Piper Alpha*, uma plataforma petrolífera ao largo da Escócia, em julho de 1988, matou 167 homens, sendo na altura a maior perda de vidas da indústria. Quando a plataforma *Deepwater Horizon* explodiu no Golfo do México, em abril de 2010, morreram mais 11 homens, mas o desastre da plataforma *Deepwater* é lembrado, sobretudo, por ter dado origem ao maior derramamento de petróleo do mundo. A profanação da natureza é também o motivo pelo qual os norte-americanos ainda falam do *Exxon Valdez* — o petroleiro que derramou quase 42 milhões de litros de crude nas águas cristalinas do Alasca, depois de ter encalhado na Enseada do Príncipe Guilherme, em março de 1989 —, e pelo qual os franceses se lembram do *Erika*, o petroleiro da Total que cobriu com uma maré negra cerca de 400 quilómetros das praias da Bretanha, depois de ter sofrido um rombo durante uma tempestade na Baía da Biscaia, em dezembro de 1999. Todos estes fiascos ocorreram na América do Norte ou na Europa. Todos foram acidentes. E todos levaram a fortes medidas corretivas: multas e limpezas no valor de milhares de milhões de dólares, e novas leis e regulamentos.

Entre março e setembro de 2021, um projeto de gás no norte de Moçambique foi consumido por um cataclismo cujo custo humano — 1452 vidas perdidas e 209 pessoas raptadas — eclipsou todos os outros desastres da história da indústria. O desastre de Moçambique destacou-se não só pela sua escala, mas pelo que representou no que respeita ao negócio de energia internacional.

Não foi um desastre inesperado. Havia anos que os diretores das instalações o previam. Também não foi acidental. Todas as pessoas que morreram foram assassinadas. Contudo, esta calamidade sem precedentes e previsível deu origem a poucas parangonas e não levou a quaisquer medidas corretivas, novas leis ou multas. Ainda hoje, a maior parte das pessoas nunca ouviu falar dela.

Esta é a história desse desastre e da indústria que o provocou.

PRÓLOGO

As pessoas haviam finalmente regressado a Palma e, no espaço de algumas semanas haviam enterrado os mortos, empurrado as pilhas de carros incendiados e enferrujados para a beira das estradas e reaberto o mercado.

Um ano antes, em 2021, quando a localidade era uma cidade-fantasma, eu vira que a avenida central na cidade mais a norte de Moçambique era, habitualmente, algo digno de orgulho, uma estrada completamente a direito bordejada por altos coqueiros, que seguia para leste em direção a um oceano opalino. Agora, a estrada estava novamente desperta, bordejada por mulheres agachadas em tapetes de plástico cheios de pequenos montes de cebolas, tomates, malaguetas e arroz, ao lado de homens que estavam atrás de bancas de madeira cheias de cigarros, cerveja de banana, camisolas de clubes de futebol, capas de telemóveis e gasolina de aparência suja em velhas garrafas de água.

Contudo, eu viera à procura dos mortos e, por isso, Issa indicou-me que saísse do asfalto para uma rua lateral de terra batida, que levava a uma pequena praça com uma mangueira gigante. De um dos lados havia um edifício caiado modesto, com telhado de zinco, no qual, no terraço, me esperavam os três *mzees*.

Os anciãos convidaram-me a sair do calor e depois sentaram-se em cadeiras de plástico sujas, atrás de uma secretária de madeira lascada, estendendo-me as mãos ossudas para se apresentarem por ordem de título: presidente do distrito, secretário do distrito e vice-presidente do distrito.

Conversámos durante algum tempo sem ir direitos ao assunto. Quando me perguntaram pelas minhas credenciais de imprensa,

dei-lhes respostas vagas sobre ter visitado «pessoas» em Maputo. Quando lhes perguntei quantas pessoas haviam morrido, o presidente respondeu apenas que «muitas» tinham desaparecido e «muitas» tinham sido raptadas.

Pensando que tinha ofendido os *mzees* ao ser demasiado direto, pedi desculpas. Não era isso, retorquiu o presidente. «Depois desta guerra, ficámos todos espalhados», disse. «Sabemos que perdemos muito, mas não sabemos onde estão as nossas famílias ou quem está morto e quem está vivo. Talvez demoremos três, quatro ou cinco anos a saber.»

Sugeri que devíamos começar por algo mais pequeno, talvez pelo que acontecera aos familiares mais próximos dos homens. O presidente disse que perdera um filho e dois primos. O secretário do distrito disse que perdera a mãe e a cunhada. O vice-presidente disse que o irmão estava acamado, com febre e demasiado doente para fugir, quando os rebeldes invadiram a casa deles com os seus machetes. Isso fez com que o presidente se lembrasse de um vizinho cujos quatro filhos haviam sido apanhados e esquartejados quando tentavam fugir para a Tanzânia. Por seu lado, isso fez com que os três homens se lembrassem de uma família de seis pessoas que fora capturada na aldeia de Macanja, a sudoeste de Palma, quando tentavam fugir. A mãe, o pai e os quatro filhos haviam sido decapitados, o seu sangue havia sido recolhido numa panela, as suas cabeças dispostas em volta de uma fogueira como pedras, com a panela com o sangue por cima, e o sangue havia sido cozinhado — que foi a cena com que os aldeões se depararam quando regressaram à aldeia semanas mais tarde.

Os *mzees* ficaram em silêncio. Por algum tempo, limitámo-nos a ficar de olhos postos no chão.

Disse-lhes que estava a pensar ir de casa em casa, para fazer uma contagem dos mortos. A ideia perturbou os *mzees*. «Há 10 177 pessoas neste distrito», disse o secretário do distrito. O presidente acrescentou que o massacre fora tão minucioso que

tornara desnecessário esse tipo de rigor. «Se quer a verdade», disse, «não há nenhuma família que possa dizer-lhe que está completa.»

O presidente e o secretário pareciam exaustos, vazios face a escala da mortandade. Nesse momento, o presidente fechou os olhos e começou a ressonar. Perante isso, o vice-presidente — que parecia uma década mais novo e cujos olhos, percebi então, brilhavam de fúria — pigarreou e anunciou quealaria na vez do seu presidente.

«Quando aqueles homens vieram», começou, «no espaço de quinze minutos estavam por todo o lado. Toda a gente se limitou a tentar fugir. Aqueles que foram para a praia acabaram por morrer afogados. Os que foram para a Tanzânia, foram capturados e decapitados. Alguns morreram na selva, de inanição. É um milagre ainda estarmos vivos.»

O vice-presidente também fugira para a praia, mas tivera sorte com a maré e com as ondas. Caminhando pelos baixios que se estendiam até ao lado mais distante da baía, chegou à península de Afungi e depois correu para o complexo fortificado da Total. Aí, deparou-se com milhares de pessoas reunidas em frente aos portões. As pessoas imploravam aos guardas da Total que as deixassem entrar. Havia bebés a ser passados para a frente e mostrados diante da vedação de 3,5 metros. Mas os guardas recusaram-se a abrir os portões.

Pensando que a multidão era um alvo, o vice-presidente foi-se embora e, apesar dos seus 64 anos, caminhou durante cerca de 65 quilómetros pelo mato até à Tanzânia, onde atravessou ilegalmente a fronteira e foi detido durante semanas, antes de ser enviado de volta para Moçambique. Quando finalmente conseguiu contactar os seus patrões, uma empresa japonesa de venda de automóveis, estes perguntaram-lhe se tinha comprovativos das despesas. O vice-presidente sentiu que «estavam a desprezar-me», portanto, despediu-se. Agora, estava de regresso a Palma, vivo, mas desempregado.

Perguntei ao vice-presidente como explicava tudo o que lhe acontecera.

Tudo começara com o gás, respondeu-me. «O gás foi uma surpresa», comentou. «E como essa riqueza estava na nossa terra», inicialmente a descoberta dera-lhe esperança. Contudo, depois os homens do gás começaram a cometer erros. Trouxeram trabalhadores do sul de Moçambique e pagavam-lhes o dobro do que ofereciam aos locais. Mandaram vir alimentos de avião da África do Sul, em vez de os comprarem aos agricultores e pescadores de Palma. «E, quando as pessoas estão zangadas e são pobres, e quando o al-Shabab paga 15 mil meticais por mês, o que é que acha que acontece?», perguntou-me o vice-presidente. «Ninguém está a dizer que o petróleo e o gás criaram o al-Shabab. Mas tornaram-no poderoso.»

O presidente adormecido ressonou alto e o vice-presidente demorou um momento a refletir. Quando recomeçou a falar, disse que, de certa maneira, o que aconteceu em Palma foi a mesma história de sempre. Os brancos tiravam o que queriam. Os africanos pagaram um preço terrível pela ambição dos brancos. Era assim desde que as pessoas tinham memória.

Contudo, acontecera outra coisa, disse o vice-presidente. Os brancos haviam fechado os portões e deixado as pessoas entregues à morte. No entanto, foram os homens jovens de Moçambique que mataram as pessoas. A maneira como os combatentes do al-Shabab alegavam estar a combater em nome das pessoas e depois se viravam e as chacinavam, sugeria que havia qualquer coisa mais profunda e mais perturbadora em jogo do que o dinheiro, a religião ou a cor da pele. O vice-presidente disse que tinha curiosidade em saber a minha opinião. Fitando-me nos olhos, inclinou-se para a frente.

«Todos estes problemas», perguntou-me, «devem-se ao gás? Ou devem-se às pessoas?»

LIVRO UM

CAPÍTULO 1

Adi e Janik

Na quinta-feira, 25 de março de 2021, uma semana antes do seu quadragésimo primeiro aniversário, Adrian Nel acordou de madrugada no chão de um quarto de hotel em Palma, no norte de Moçambique, e, acometido de uma premonição súbita, enviou uma mensagem à mulher, Janik Armstrong, que estava em casa deles, em Durban, na África do Sul.

Janik ainda estou vivo mas as coisas aqui estão a enlouquecer. Estamos a ser atacados desde ontem. Neste momento estamos confinados ao Amarula. Temos um bocadinho de wi-fi que se liga de vez em quando.

Aviso-te se alguma coisa mudar e se tivermos um plano de retirada.

Amor amo-te muito muito muito e aos miúdos para sempre. Por favor diz-lhes isso todos os dias se eu não conseguir sair daqui com vida. [05h32]

Quando Janik viu a mensagem, uma hora depois, perdeu a cabeça.

Adi, não digas isso!!! [06h47]

Estás a assustar-me de morte [06h47]

Por favor não fales assim [06h48]

Amo-te muito muito ❤️ [06h51]

Contudo, Adi não conseguiu parar. «Adoro-te muito», respondeu-lhe. Depois, mais tarde, acrescentou: «Amo-vos muito. Diz aos miúdos que eu os amo todos os dias.»

Janik queria mais informações. E também queria que Adi estivesse ali pessoalmente para dizer aos filhos que os amava. Calma e serenamente, Janik disse a Adi «pára de falar assim, porra» ou caso contrário «vou passar-me da cabeça». Uma das coisas de que Janik mais gostava em Adi era o facto de ele conseguir sempre fazer um plano. E também precisava de resolver esta situação. «Tens de me prometer que vais regressar a casa em segurança», escreveu ao marido.

* * *

Louro, magro e com um sorriso como o sol do verão, Adi era um barista de 19 anos, de Durban, e Janik era uma empregada de mesa de 18 anos, da Nova Escócia, no Canadá, quando se conheceram na cozinha de um restaurante de Londres vinte e um anos antes. Janik chegara à Grã-Bretanha com planos para ganhar dinheiro e, depois, viajar pela Europa com uma mochila às costas, antes de regressar ao Canadá e talvez ir para a universidade. Certa noite, Adi ficara em casa dela. Três semanas depois, altura em que Adi estava a encher o apartamento dela com uma coleção de gnomos de barro que roubava para ela dos jardins de casas de toda a cidade, ocorrera a Janik que talvez esta relação fosse para sempre.

A década que se seguira fora um corrupio de diferentes lugares: a costa sul de Inglaterra; Edimburgo, na Escócia; o leste do Canadá; a África do Sul; o sul de Moçambique. Embora Adi conseguisse sempre fazer planos, os seus planos eram quase sempre tresloucados. Servira Mick Jagger em Londres, passara algum tempo a trabalhar como distribuidor, de peito nu e de patins, de folhetos de trabalhadoras sexuais em Brighton, no sul de Inglaterra, e fizera malabarismos com garrafas em chamas à porta de um

restaurante em Montreal. Depois de se instalarem em Durban em 2010, a ideia de Adi de uma carreira estável fora tornar-se motorista comercial, uma das profissões mais perigosas do mundo. Toda aquela magia louca apenas se aprofundara com o casamento e com a chegada de três filhos com nomes hilariantes: um rapaz, agora com 10 anos, Céu Rockefeller (o apelido do barão do petróleo era um dos nomes preferidos de Adi), e duas raparigas, Télès Cassis de 7 anos (em honra do ingrediente de *cocktails* preferido de Adi), e Léore Le Morne de 3 anos (em honra de uma das montanhas preferidas de Adi, nas Maurícias).

A única nuvem negra no horizonte da família Armstrong-Nel era a crença inabalável de Adi de que ia morrer novo. Na casa dos 20, Adi costumava rir-se e dizer a Janik que nunca chegaria aos 40 anos. Com o tempo, planeou a sua morte, explicando a Janik os seus planos para ter um funeral viking, com uma pira funerária que iria transportar as suas cinzas para o mar e que seria incendiada por uma flecha em chamas disparada da praia.

Ainda assim, as mensagens enviadas por Adi de Palma indicavam que ainda não estava pronto para Valhalla. Às oito da manhã, escreveu a Janik que alguns pequenos helicópteros estavam a sobrevoar o Amarula Lodge, o hotel onde ele estava retido com mais 182 pessoas, e «a afugentar alguns militantes». Às 11 horas, informou-a de que se estava a falar de um salvamento com viaturas blindadas para transporte de tropas, que pertenciam a um batalhão do exército moçambicano que estava posicionado no interior da concessão de gás da Total, a sul da cidade. Por volta das 13 horas, Adi disse a Janik que havia um novo plano: «Podemos receber alguma segurança privada ainda hoje». Pouco depois das 14 horas, escreveu-lhe a dizer que esperava ter boas notícias em breve. «Os helicópteros vieram e rebentaram com algumas merdas às 13h00. Para abrirem caminho para nós escaparmos.»

Quando Adi parou de lhe enviar mensagens pouco tempo depois, Janik não ficou demasiado preocupada. Sabia que os

insurgentes tinham derrubado a única torre de comunicações móveis de Palma, que a rede *wi-fi* era instável e que o telemóvel de Adi tinha pouca bateria. Além disso, o marido estava com pessoas em quem ela confiava. Toda a equipa da empresa Projectos Dinâmicos estava no hotel: o irmão mais novo de Adi, Wes, o padraсто dele, Greg Knox, que era ex-soldado, e o patrão de Adi, Gustavo Trindade, que este achava que conseguia safar-se de tudo com lábia. Alguns dos outros empreiteiros que estavam no hotel Amarula pareciam ter sido escolhidos a dedo para a situação em que se encontravam. Briton Phil Mawer passara vinte anos em sítios como o Afeganistão e a Somália. Nick Alexander, um britânico-sul-africano, era um ex-atirador da polícia. Nick de Blocq fora um franco-atirador das forças especiais da África do Sul.

Assim, Janik resignou-se a esperar. Manteve o telefone perto dela durante toda a tarde e serão, e junto da cama durante toda a noite. Viu se tinha mensagens assim que acordou e ao pequeno-almoço, depois durante o percurso para a escola e durante todo o dia enquanto trabalhava na agência de viagens. Por fim, à hora de ponta de sexta-feira, quando já não tinha notícias de Adi há vinte e sete horas, Janik deu por si presa no trânsito, a olhar para a longa fila de automóveis que tentavam chegar a casa e, sem pensar bem, encostou na berma e escreveu uma mensagem. «Amo-te, amo-te, amo-te do fundo do coração ♥ ♥ ♥» E acrescentou: «Tu consegues fazer isto.»

Eram 5h08 da tarde de 26 de março, dezassete minutos depois do pôr do sol em Palma. Quando Janik olhou para o telemóvel mais tarde, viu o duplo visto que indicava que a sua mensagem fora recebida.

CAPÍTULO 2

O Buldózer

O projeto que atraía Adi e os outros para Palma teve a sua génese a cerca de 8 mil quilómetros de distância, no quadragésimo quarto piso¹ de uma das torres de um grupo de arranha-céus conhecido como Tour Total, localizado no bairro empresarial de La Défense, na zona ocidental de Paris. Vista do gabinete de Patrick Pouyanné, a cidade estende-se como um modelo turístico. A oriente situa-se o Arco do Triunfo e a Torre Eiffel, e por trás destes o Obelisco de Luxor, os Campos Elísios, o Louvre e a estrutura enegrecida da Catedral de Notre-Dame. A posição estratégica salientava como a natureza ainda governava a capital de França: a maneira como o rio grandioso envolvia os seus habitantes e as suas casas nas suas curvas serpentinadas, como as estações do ano estavam constantemente a pintar de novo as avenidas da cidade de verde-lima, depois de verde-azeitona, a seguir de amarelo e depois de castanho-avermelhado, e, por fim, do negro dos ramos nus. Contudo, se os funcionários de Pouyanné alguma vez paravam momentaneamente para admirar o cenário que mudava, sabiam perfeitamente que não deviam falar nisso ao seu patrão. Ele exigia-lhes que se concentrassem numa transformação diferente: a revolução que ele estava a operar naquela que fora, durante setenta e três dos setenta e cinco anos volvidos desde a Segunda Guerra Mundial, a maior empresa de França.²

À primeira vista, a constituição bem alimentada e corpulenta de Pouyanné, o cabelo com risca ao lado, os óculos quadrados e

o sorriso malicioso, sugeriam um menino de escola que crescera demasiado ou talvez um *bon vivant* cleptomaniaco. Raramente a aparência foi tão enganadora. Nascido na Normandia, com um pai que era funcionário da alfândega na província e uma mãe que trabalhava nos correios,³ Pouyanné ascendera à elite francesa conseguindo uma dupla proeza rara. Primeiro, fora selecionado para a quase militar École Polytechnique, a Faculdade de Engenharia mais importante do país. Depois de se formar como décimo primeiro melhor aluno⁴ do seu ano, garantira uma vaga na École des Mines, onde eram criados os futuros capitães da indústria do país. Inicialmente, entrara para a política, sendo promovido até se tornar consultor técnico do primeiro-ministro, Édouard Balladur, no espaço de quatro anos, e depois voltando a ser promovido para o cargo de chefe de gabinete de um futuro primeiro-ministro, François Fillon.⁵ Contudo, em 1996, Pouyanné abandonou a política e aceitou um emprego do outro lado do mundo, em Angola, como diretor de exploração da Elf Aquitaine, uma grande empresa petrolífera detida em parte pelo Estado francês.

Mais tarde, Pouyanné descreveria ter passado por uma espécie de renascimento em África. Ficara desiludido com aquilo a que chamava a «má-fé»⁶ da política. Em contrapartida, na indústria do petróleo e do gás, redescobriu a pureza e a honestidade da matemática.⁷ A cada novo poço e a cada novo negócio, havia uma fórmula, um cálculo e uma resposta incontestável. Como é evidente, as pessoas continuavam a poder ser problemáticas — irracionais, preguiçosas, tresloucadas, distraídas — mas, como os dados nunca mentiam, Pouyanné considerava que era fácil corrigi-los. Isto conferia ao negócio uma meritocracia satisfatória: quem se desse ao trabalho de fazer a pesquisa e de acertar nos números, tomaria as decisões certas e obteria o maior aumento ao nível dos lucros. «Tomamos medidas», disse Pouyanné a um entrevistador, «[e] somos julgados com base nos resultados.»⁸

Fora do emprego, Pouyanné era um viajante ávido, passando férias com a mulher e os quatro filhos na Ilha da Páscoa, percorrendo a linha ferroviária Transiberiana e viajando para a Papua-Nova Guiné.⁹ Fora um erro imaginar que conseguiria ser feliz no meio das intrigas palacianas do Palácio do Eliseu. Em contrapartida, na indústria do petróleo e do gás, a eterna busca por novas reservas levava-o frequentemente aos cantos mais distantes do globo — às profundezas da floresta, do deserto, do mar alto — onde recorria à geologia para decifrar todos os mistérios naturais e à contabilidade para eliminar todas as excentricidades humanas. A plenitude e a consistência da sua compreensão — a sua totalidade — encantavam Pouyanné. Era como se lhe tivesse sido dada uma chave-mestra do mundo.

* * *

Pouyanné entregou-se à sua nova carreira com a impaciência de alguém que chegara tarde a ela. Em 1999, mudou-se de Angola para o Qatar, um minúsculo reino do Golfo Pérsico, com vastas reservas de gás, precisamente na altura em que a Elf se estava a fundir com a maior empresa francesa de combustível fóssil, a Total. Na nova situação, a reputação de Pouyanné, enquanto líder convicto e com um domínio intimidante da sua área, despertou a atenção de Christophe de Margerie, um executivo de longa data da Total. A estrela de De Margerie também estava em ascensão. Viria a tornar-se CEO da Total em 2007 e presidente do conselho de administração em 2010. E, à medida que De Margerie progredia, também ia promovendo o seu protegido. Foi ele que supervisionou o regresso de Pouyanné a Paris em 2002 e, seguidamente, promoveu-o para o comité de gestão da Total em 2006. Em outubro de 2014, quando o jato de De Margerie chocou contra um limpa-neves ao descolar do aeroporto de Vnukovo, em Moscovo, matando as quatro pessoas que iam a bordo, o conselho

de administração da Total avançou rapidamente para instalar o presumível herdeiro.

Aos 51 anos, enquanto presidente do conselho de administração e CEO da Total, Pouyanné era agora um dos Grandes Homens das Grandes Petrolíferas, um cargo sem igual em França e com apenas mais quatro pares no mundo inteiro.¹⁰ A Total valia 100 mil milhões de euros. Empregava 100 mil¹¹ pessoas, em 800 instalações industriais¹² e 130 países.¹³ As suas 16 mil estações de serviço¹⁴ serviam oito milhões de clientes por dia. Pouyanné não tardou a decidir que o principal privilégio do seu novo cargo era dar rédea solta ao seu intelecto. «Pouyanné não tem tabus na maneira como pensa», afirmou um executivo da Total.¹⁵

O que ocupava a mente de Pouyanné era o dilema com que todos os patrões da indústria do petróleo e do gás do século XXI se debatiam: como reconciliar o apetite do mundo por combustíveis fósseis com a sua exigência simultânea da eliminação dos mesmos e, em certos círculos, com a exigência adicional do fim dos gigantes energéticos. A resposta de Pouyanné consistiu em repensar inteiramente a Total. A maior empresa de França iria deixar de ser uma grande petrolífera incessantemente concentrada nos lucros. Em vez disso, tornar-se-ia ainda maior e mais lucrativa ao fornecer todo o tipo de energias. O carácter da Total também evoluiria. Tornar-se-ia uma empresa de energia «responsável», como anunciou numa declaração de missão em 2015, que implementava um «modelo de negócio moldado pelo respeito pelas leis e pelos direitos humanos, pela rejeição da fraude e da corrupção sob qualquer forma, pela gestão exemplar dos recursos naturais e dos impactos ambientais e pela transparência ao nível da participação das partes interessadas».¹⁶

A admissão de que os combustíveis fósseis nem sempre haviam sido muito bons para o mundo estava implícita nestas palavras. Isto era uma novidade. De Margerie e os seus Grandes Homens haviam passado décadas a suprimir a verdade sobre um planeta

que estava a aquecer, a exercer pressão contra a regulamentação, a financiar ciência falsa e a ocultar os dados dos seus próprios cientistas que sugeriam que os produtos das suas empresas eram uma das causas principais desse problema.¹⁷ O novo caminho da Total, sob a direção de Pouyanné e baseado em energias renováveis e em gás natural, significava que, pelo menos, um dos titãs dos combustíveis fósseis estava a abdicar da farsa.

E não era apenas no que respeitava às alterações climáticas. O facto de a empresa destacar a gestão ambiental era um reconhecimento do historial de desastres ecológicos da indústria, desde o *Exxon Valdez* até à plataforma *Deepwater Horizon*, e desde os incêndios e derrames de petróleo da primeira Guerra do Golfo até ao naufrágio do petroleiro fretado da Total, o *Erika*, em 1999, que se partira ao meio e espalhara 20 mil toneladas de petróleo pela costa atlântica francesa.¹⁸ A ênfase da Total nos direitos humanos era o reconhecimento da habitual associação da indústria do petróleo e do gás com ditadores e guerras. O foco da Total na legalidade e na denúncia das fraudes, da corrupção e dos subterfúgios era talvez o mínimo que se devia esperar de uma empresa legítima. Contudo, com o negócio da energia, era uma aceitação velada de que abusara durante muito tempo da sua posição enquanto indústria mais essencial do mundo, recorrendo à intimidação, aos subornos e ao engano para ter lucros, enquanto forçava a aquiescência tanto dos governos quanto dos clientes, ao ameaçar restringir a oferta e aumentar significativamente os preços. Se a indústria do petróleo e do gás tinha a reputação de ser desenfreadamente gananciosa, Pouyanné estava a admitir que essa reputação não era imerecida.

Nos discursos dos primeiros anos, era frequente Pouyanné começar com uma defesa em três partes. Primeiro, o estado do mundo não era totalmente culpa das Grandes Petrolíferas. Segundo, a indústria não tinha a culpa do acaso geográfico que colocara tantas reservas combustíveis fósseis em países como a Rússia, a Arábia Saudita, a Venezuela, a Nigéria, o Mianmar e o

Irão, onde os regimes que estavam no poder pouco se importavam com o ambiente, os direitos humanos ou o Estado de direito. Terceiro, dado que a Total era «a única grande empresa da indústria do petróleo e do gás sem recursos nacionais», não tinha outra opção se não lidar com esses regimes. O que a Total podia fazer, afirmava Pouyanné, era reger-se pelos padrões mais elevados onde quer que trabalhasse, e, ao envolver-se mesmo com os governos mais repressivos, empurrar o mundo para um futuro mais progressista.

O novo *ethos* tinha diversos elementos. Havia um novo código de conduta empresarial. Havia promessas escritas de pagar os impostos devidos, de respeitar a liberdade de expressão e de orientação sexual, e de garantir alojamento e abastecimento de água decentes em todas as instalações da Total. E havia um novo departamento de conformidade dedicado à eliminação da corrupção, que contava com 360 funcionários.¹⁹

Não se tratava de mudanças cosméticas. Ainda assim, o principal objetivo de Pouyanné era alterar as percepções. Os ativistas anticapitalistas e antipetróleo que gostavam de o descrever segundo o estereótipo do «supervilão»²⁰ estavam ultrapassados, disse Pouyanné a um entrevistador. «A indústria do petróleo e do gás [...] é sempre acusada, creio eu, de histórias que têm cinquenta anos, que não correspondem de todo à maneira como nos comportamos atualmente», afirmou. «A nossa intenção global é sermos responsáveis e dizermos o que fazemos. É essa a minha política.»²¹

Pouyanné era articulado e persuasivo, e, numa indústria habituada ao secretismo, a sua confiança e franqueza não tardaram a transformá-lo numa figura de proa daquilo a que as empresas de combustíveis fósseis estavam a começar a chamar a sua «transição». Quando as suas afirmações se deparavam com ceticismo, Pouyanné insistia, revelando o seu objetivo mais ambicioso até à data: eliminar as emissões líquidas de dióxido de carbono, baixando-as para zero, um objetivo totalmente contraditório para uma empresa de hidrocarbonetos.²² Afirmou que a Total iria acabar por deixar

completamente para trás os combustíveis fósseis e que retiraria a sua energia do Sol, do vento e das ondas.

* * *

Embora Pouyanné tenha permitido a si mesmo pensar livremente, nem sempre deu a mesma liberdade às outras pessoas. Ao comparecer no parlamento francês ou em palco, em grupos de reflexão em Londres ou em Washington, dava mostras de fazer a vontade às pessoas que o questionavam, mas, com frequência conseguia menosprezá-las de alguma maneira, fazendo listas dos seus erros, citando números aparentemente a seu bel-prazer e, depois, apresentando as suas próprias deduções como se fossem evidentes por si mesmas.

No emprego, Pouyanné era menos contido. Conquistou a reputação de fazer uma gestão prática e de ter uma intolerância explosiva para com qualquer pessoa que fosse suficientemente obstinada para discordar — um temperamento que, aliado à sua altura de 1,93 metros e à sua aparência encorpada, lhe granjeou a alcunha de «O Buldózer». «O que se passa com Patrick Pouyanné é que ele tem sempre razão», disse um conhecido seu ao jornal *The Financial Times*. «É daquela escola francesa em que somos ensinados a raciocinar e a utilizar o poder da mente. A abordagem dele é a seguinte: “Refleti sobre isto, tenho razão e é esta a opinião que vou impor a toda a gente.”»²³ Para Pouyanné, o cargo implicava um certo absolutismo. «Ser o número 1 num grupo como a Total [...] é darmos por nós sozinhos», afirmou Pouyanné. «Quando digo “Não concordo”, por vezes as paredes estremecem.»²⁴

Alguns encaravam o estilo de Pouyanné como sendo positivo. Marc-Antoine Eyl-Mazzega, diretor de energia e clima do Instituto Francês de Relações Internacionais (IFRI), afirmou que, no que respeitava a dirigir uma enorme empresa como a Total, «o envolvimento de Pouyanné é o seu ponto forte». Embora a

liderança «direta e franca» de Pouyanné significasse que muitas pessoas «não gostavam de trabalhar com ele» e que «houvesse despedimentos com frequência», apesar disso «ele consegue tomar uma decisão rapidamente, de uma maneira muito mais ágil e célere».²⁵ Jacques Veyrat, um antigo colega de turma, afirmou que a atenção de Pouyanné aos pormenores quando Veyrat estava a vender a sua própria empresa de energia, a Direct Energie, à Total, em 2018, era notável. «Pouyanné lê absolutamente tudo», afirmou Veyrat.²⁶

Um executivo que trabalhava diretamente para Pouyanné concordou que o patrão podia ser ágil e focado. Além disso, podia igualmente ser «agressivo, terrível, desagradável e bater com os punhos na mesa». Descreveu Pouyanné como uma pessoa que fazia uma microgestão obsessiva e que tinha o hábito de dispensar os conselhos dos assistentes, dos diretores de departamento ou dos consultores dispendiosos que abundavam na sede da Total, preferindo ir para casa com caixas cheias de documentos — colunas a transbordar de dados ou projeções de custos e receitas — e regressar na manhã seguinte com os conteúdos digeridos e as suas decisões já tomadas. Um diretor de uma empresa norte-americana rival, que lidava com a Total, afirmou que a aplicação de Pouyanné era impressionante. «Para uma empresa dessa dimensão, é incrível quanto dela é impulsionada por Pouyanné», afirmou. Contudo, enquanto método de gestão, tinha um defeito evidente. «É como se tivessem de recorrer a Pouyanné para tudo», afirmou o diretor.

Posteriormente, o gabinete de imprensa da Total diria que as acusações de que Pouyanné dirigia a sua empresa como uma autocracia eram «incorretas e sem fundamento». Contudo, não havia como negar a determinação de Pouyanné. E, no espaço de poucos anos, a sua liderança exigente e temperamental havia transformado a Total na mais visível defensora de mudanças na indústria dos combustíveis fósseis,²⁷ e transformado uma gigante global

em algo que se assemelhava a um feudo pessoal — a «Pouyanné Petroleum», como se dizia mordazmente na indústria.²⁸

* * *

Com o passar dos anos, Pouyanné começou a refinar o caminho que traçara para a Total. A neutralidade carbónica continuou a ser a meta. Contudo, como um superpetroleiro a mudar de rumo, a manobra demoraria tempo. Pouyanné definiu a data-alvo de 2050 para alcançar o seu objetivo, uma data alinhada com os objetivos dos governos do mundo inteiro. Considerando esse horizonte temporal, uma medida pragmática e intermédia consistia em utilizar um combustível mais ecológico nos motores do navio: diminuir a produção de petróleo e aumentar a produção de gás natural, que emitia 30 por cento menos dióxido de carbono quando queimado. Uma vez que o seu mandato iria durar uma ou duas décadas, isso significava que o negócio do gás — encontrá-lo, refiná-lo, transportá-lo, vendê-lo — seria, doravante, a preocupação central de Pouyanné.

Pouyanné propôs-se alcançar o seu objetivo à maneira convencional das Grandes Empresas Energéticas: não descobrindo pessoalmente novos campos de gás, mas deixando que outras empresas mais pequenas fizessem o trabalho e, depois, comprando as melhores delas. Em finais de 2015, no topo da lista de compras de Pouyanné, havia quatro campos de gás em África — na Argélia, no Gana, na África do Sul e em Moçambique²⁹ — administrados por uma empresa de exploração de tamanho médio chamada Anadarko, sediada em The Woodlands, a norte de Houston, no Texas.

Todos estes campos de gás eram vantajosos para a experiência de Pouyanné e da Total em África. Contudo, o prémio era o campo de Moçambique. O campo Área 1 da Bacia de Rovuma, descoberto em 2010 a sul da Tanzânia, situado no mar a cerca

de 40 quilómetros da cidade costeira de Palma, na região remota a norte do país, era monstruoso: tinha um pouco mais de um milhão de hectares,³⁰ cerca de um terço do tamanho da Bélgica, que se pensava conterem mais de dois biliões de metros cúbicos de gás³¹ ou 1 por cento de todas as reservas mundiais.³² O campo de Rovuma constituía uma perspectiva tão imensa (pensava-se que a Área 4, um campo adjacente, era ainda maior),³³ que a conversa da indústria era a de que Moçambique seria o próximo Qatar. A comparação era do agrado de Pouyanné, que assistira em primeira mão quando o gás natural tornara os qatarianos nas pessoas mais ricas do mundo.³⁴

Pouyanné precisava de um Moçambique para mudar a Total. Sondando os administradores da Anadarko nos encontros da indústria, sugeriu um preço de compra total de 9 mil milhões de dólares pela totalidade dos quatro campos de gás africanos. Era indicativo do potencial de Moçambique que, apesar de a Anadarko ter tido uma perda de exploração de 8,8 mil milhões de dólares em 2015,³⁵ os texanos sentiram que podiam recusar a oferta de Pouyanné.

UMA DENÚNCIA IMPRESSIONANTE E PROFÉTICA, FRUTO DE UMA INVESTIGAÇÃO RIGOROSA, QUE SE TRANSFORMA NUMA INSPIRADORA BUSCA POR JUSTIÇA.

Em 24 de março de 2021, no remoto norte de Moçambique, militantes do Estado Islâmico atacaram a pequena e paradisíaca cidade litoral de Palma — estrategicamente insignificante, não fosse pelos vastos campos de gás *offshore* que atraíram 50 mil milhões de dólares em investimentos estrangeiros.

Enquanto os atacantes avançavam pela cidade matando civis, um grupo de homens, mulheres e crianças — incluindo 80 operários da construção de uma usina de gás — barricou-se num hotel à espera de resgate. Um complexo de petróleo e gás, defendido por helicópteros e mil soldados, estava a poucos minutos de distância. Mas a ajuda nunca chegou. Cinco anos depois, a meticulosa reconstrução dos acontecimentos por parte de Alex Perry revela um fiasco oculto e sem precedentes.

A sua investigação leva-o da Europa aos Estados Unidos e a África, enquanto rastreia os operários, mercenários, bilionários e espiões corporativos que podem lançar luz sobre esta indústria. À medida que as revelações se acumulam e as mentiras se multiplicam, Alex Perry vê-se envolvido num drama jurídico e num escândalo político explosivo.

«Com o ritmo de um *thriller*, este livro narra uma onda brutal de ataques de militantes do Estado Islâmico em Moçambique, que resultou na suspensão de um enorme projeto de gás [...] Ao longo da narrativa, revela o vasto histórico de violência que envolve a indústria global de combustíveis fósseis.»

Financial Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

    [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-596-094-1



9 789895 960941